

EDITORIAL DA REVISTA

O pesquisador e professor argentino, Hernán Borisonik, em *Persistência da pergunta pela arte*, ao tentar dizer das mudanças da e na linguagem que o século XX provocou no “texto sem mundo” no qual vivemos, fala em “uma míope negação da dinâmica de pulsões que nos configura” (2024, p. 49). O argumento de Borisonik é o de que o discurso capitalista, manipulando nossas pulsões mais primárias, simplesmente as converte em um circuito acéfalo de gozo, do qual se isentam o prazer, o desejo ou mesmo o adiamento (a potência de não, o *prefiro não* bartlebyano). A negação mais particular de nossa época incidiria, portanto, no conjunto dos atos não realizados, e, em larga medida, no dissenso pulsional, em prol de um discurso supostamente democrático, eficiente e tolerante, mas de baixa intensidade.

Entre os tantos argumentos que nos fizeram propor esse dossiê, movidos, de fato, por uma inquietação quanto ao lugar que a pulsão pode ainda ter junto à palavra, já que, em muito do que circula, parece-se confundir tanto produção com produtividade quanto apetite com devoração, encontra-se, no fundo, essa mesma impressão de que o pulsional sem a *dinâmica* é apenas serialização, culto casual do novo, consumo e autoexploração. Quando acreditamos que o que há de extrapessoal e singular no “refinamento pulsional” (Schiavon, 2019, p. 19), é o que pode fazer do mesmo algo subversivo e transgressor, inatual e anarquista (Zaltzman, 1993). Como então retomar esse espaço indagativo da pergunta pela arte como zona de atrito, onde a meta da pulsão é um incessante colocar em crise, sendo o meio a tensão que não se resolve, mas se enfrenta, se desloca, se pratica?

A ideia de uma *persistência*, se não encontra ressonância na maior parte dos textos aqui reunidos, se faz notar, como verdadeiro paradigma, em artigos como “A fundação contingente do acaso nos destinos da pulsão”, de Bernardo Sollar Godoi, no qual se desmonta a relação entre insistência, repetição e necessidade. Não por acaso, é o célebre poema de Mallarmé, “Un coup de dés jamais n’abolira le hasard”, que enseja a minuciosa investigação do filósofo Quentin Meillassoux em busca do infinito dos modernos – momento em que os opostos ou os diferentes coexistem e retardam a decisão do lance de dados. Conforme demonstra a leitura do pesquisador, nada restaria ao poeta, imbuído de fazer persistir a incerteza no e do poema, além de manter a mão trêmula. Indo adiante na análise do poema mallarmai-co, o artigo oferece-se, então, não só como uma aproximação entre os campos da filosofia, da psicanálise e da literatura, mas, sobretudo, como uma grande contribuição para todos os contextos em que as diferenças entre acaso e contingência se fazem pensar. A rigor, enquanto o acaso está submetido a uma razão, a uma lei, a um conjunto de possibilidades, a contingência não tem uma razão de ser: acontece como pode não acontecer. Algo se repete até que pode não se repetir mais. Necessária é apenas a trama que cada um de nós constrói, num futuro anterior, em torno desse real sem lei.

Sobre essa ausência de destino, diante de fios soltos que parecem vir de nenhum lugar em direção a lugar algum, aos quais nós respondemos transformado a contingência em necessidade, investigadores se colocaram em trabalho, nesse dossiê, perscrutando os rumos que tomam a pulsão, na ausência,

a priori, de trajeto. “Vias dos restos e das faltas”, caracteriza a pesquisadora Claudia Itaborahy Ferraz. De modo geral, a provocação da chamada levou pesquisadores a tomar a pulsão por seus efeitos de errância, a exemplo do texto de Mateus Mourão e de Gustavo Maan em que se aborda, com acuidade clínica e poética, os escritos de Hölderlin nos quais a deriva vem a constituir não tanto uma condição psiquiátrica ou existencial quanto uma ética e um projeto de escrita. De sua posição liminar em relação à modernidade, a obra do poeta alemão acaba por nos oferecer o ponto de vista de uma viragem da tragédia como consciência *a posteriori* das causas do ato, para a ausência de destino e mesmo de sentido. Viragem que não chega a ser lamentada por Hölderlin, configurando-se como a via para que o erro venha a ser tomado como verdade e habitação poética e para que a distância dos deuses seja convertida num afastamento categórico como motivo propositivo e ético.

De modo semelhante à perspectiva desses dois pesquisadores, Amanda Mourão também considera o efeito da pulsão não como oriundo de um sujeito, de um eu, tampouco de uma autoria. Em seu texto sobre o Querer-Escriver em Ana Cristina César, a pulsão é pulsão da escrita, que atravessa o corpo daquele que se dá ao gesto e o corpo erótico do próprio texto. Toda a importância dada ao endereçamento na obra poética da escritora brasileira, mas também nas cartas que escreveu, faz valer o sentido do trânsito e da deriva, sem destino determinado. Assim, Amanda Mourão recorre à noção lacaniana de letra, traço sem passado, puro som, aquilo que, ao destinar-se, divide aquele que a recebe. Se há um destino na *lettre* (na letra, na carta), quem o fornece é quem se deixa ser tocado por ela, colocando algo de si.

Semelhante inflexão da pulsão é analisada de perto por Marcela Maria Azevedo em seu artigo “H’era: erotismo, pulsão e desejo em Max Martins”, a respeito da obra do poeta paraense, notório por seu extremo cuidado no trabalho com a letra, a materialidade do significante e o branco do papel. Curiosamente, um dos pressupostos ou mesmo efeitos do tipo de jogo a ressaltar, antes de tudo, a palavra, diz respeito ao “desaparecimento elocutório do poeta” mallarmaico, pura perda com a qual se paga a entrada na linguagem (do Outro). O texto deseja é o leitor, e esse desejo exigente, ardiloso, se escreve em mais de uma língua: da influência zen-budista ao tupi-guarani, não sem os equívocos e os neologismos encenados por Max Martins.

Se Mallarmé opera como uma espécie de fantasma em muitos dos textos, não por acaso, pensadores como Maurice Blanchot e Roland Barthes, que se deram ao árduo exercício de refletir sobre o que é ser convocado, ou mesmo *tomado* pelo escrever, se fazem tão presentes nos textos aqui reunidos. Em suas obras, o anônimo, o impessoal, o neutro, podem ser lidos à luz daquele caráter “extrapessoal” da pulsão de que falávamos no início. Se o pulsional diz respeito ao gozo, e o gozo é inútil justamente porque não serve para nada e a nada, seu exercício implica uma dessubjetivação, um “saber desprendido” (Schiavon, 2019, p. 93). Neste ponto, é valioso lembrar que, em um texto de 1973, contemporâneo do Seminário XX, de Lacan, Barthes escreve que a escrita “chega muito exatamente no momento em que a palavra cessa”, instante em que “já não podemos mais detectar quem fala e constatamos somente que *isso começa a falar*” (2001, p. 338). Em seu seminário, enquanto aborda as relações entre o corpo e a linguagem, Lacan nos diz, precisamente, que “onde *isso* fala, *isso* goza. E isto não quer dizer que *isso* saiba de coisa alguma” (2010, p. 235), pois o sentido do termo sujeito, em Lacan, implica que um

corpo fala na medida em que é habitado por um “*isso*” – lugar de pulsionalidade e gozo que resiste ao saber e aos domínios simbólicos. Assim, a ausência de destino que se tematiza em muitos dos artigos pode também ser lida como a inominada pulsão.

Assim como esses pensadores figuram em mais de um texto, a obra de alguns escritores parecem estreitar mais a relação entre literatura e psicanálise, seja por meio da recepção e da fortuna crítica que fizeram e fazem essa ponte, seja por algo intrínseco à própria tessitura do trabalho. Este é o caso de Maria Gabriela Llansol, a quem se atribui a expressão “pulsão da escrita”, presente nos artigos “O pulso da escrita poética na margem da literatura com a psicanálise”, de Claudia Itaborahy Ferraz, que se dedica a pensar os efeitos da letra no discurso, não sem pensá-la como ato poético, e em “Cortar, cortar-se: escrever o gozo”, de Jonas Samudio, em que a obra da escritora portuguesa enseja a comparação entre escrita literária e escrita mística. Ainda nessa seara entre o feminino, como mais próximo de Deus, e a escrita literária, o texto de Izabel Haddad, ainda que não se detenha na obra de Llansol, ao investigar a sobrevivência da ninfa na imagem das históricas fotografadas por Charcot, contribui especialmente para que se perceba, com Lacan, que “nem tudo que há de pulsional nas mulheres pode ser drenado pelo falo” (Lacan, 1957-58, p. 735). Por essa razão, no artigo, a pesquisadora trata esse não-todo fálico pela via do que não cessa de não se escrever. Temos aí outra pedra no caminho do que tomamos como necessário: o feminino, em muitos sentidos, é aliado à contingência e à própria pulsão. Daí que aquela persistência pulsional de que falávamos no início desse editorial possa também ser lida como sobrevivência [*Nachleben*], ambivalência das coisas indestrutíveis que nos chegam de longe e não morrem jamais.

A pulsão desafia não só nosso saber-fazer com o tempo, como, mais profundamente, nosso saber. Kafka, em toda a sua audácia em desafiar as convenções do fantástico e do alegórico, comparece no dossiê, na análise que fazem Matheus Pereira de Freitas e Hermano de França Rodrigues, do conto “O abutre”, lido como um texto em que se dá a perceber o arcaico como uma das vozes da pulsão de morte. O escritor austríaco é visto como um autor que soube encenar o drama das pulsões, suas metamorfoses, arrastando a própria ideia de realidade em direção a um para além do princípio do prazer, por meio da qual os próprios personagens tendem ao inanimado, identificado pelo pesquisador à letargia, à imobilidade e à insônia. Recorre-se, ainda, a Melanie Klein, para compor o cenário kafkaniano, no qual os sujeitos estão sempre expostos à indiferenciação entre Eros e Tânatos, a partir de uma experiência em que se passa da fome à devoração, da alimentação ao canibalismo. Eros e Tânatos que figuram também no texto de Elizabete Farias de Castro, “Entre o esvaziamento do espírito e as remanescências simbólicas: surrealismo latino-americano de autoria feminina e as pulsões de Eros e Tânatos”, em que se discute a obra de Tilsa Tsuchiya e de Leila Ferraz como reconfigurações tanto do que se supõe ter sido o surrealismo quanto de uma suposta identidade latino-americana.

Ainda na esteira de uma leitura mais cerrada da pulsão de morte, Fillipe Doria Mesquita parte dos escritos de Jorge Almeida, intitulados *Cartas do latão*, para investigar como a palavra faz alguma frente ao “umbigo do horror” vivenciado não só pelo autor em questão, como, de modo mais amplo, por toda uma população prisional e por sujeitos expostos ao encarceramento. Entre os textos do dossiê, este é o único artigo que aborda um texto propositadamente à margem da literatura, e que enfrenta, em diálogo

com a concepção crítico-maneirista de Edmilson de Almeida Pereira, os conflitos e os contrastes que instituem até mesmo uma assim chamada literatura brasileira. A noção de pulsão é elementar para que formulemos a possibilidade de uma narrativa do trauma de nosso povo, sem que se passe da dialética à síntese, da angústia à alienação. Como manter o elemento inquietante, “literatura para um Brasil-enigma” em que toda a herança afro-diaspórica também faça parte desse processo que nos devolve à nossa indeterminação? Fora dos contratos e dos supostos combinados, toda uma outra chave de leitura se abre da produção contemporânea e de nossas tradições culturais em que pesa mais os sintomas do que os consensos, as cisões ao invés das suavizações.

Se para se estar à altura da indagação pulsional, grande parte dos pesquisadores recorreu a Lacan, há também aqueles que se detiveram em Freud. O pesquisador Daniel Carvalho de Almeida, vale-se do texto seminal das relações entre psicanálise e literatura, “O poeta e o fantasiar”, para se debruçar sobre as semelhanças entre o brincar e o poetar no que toca tanto à simbolização quanto à sublimação, com especial atenção à importância da invenção. Para isso, a linguagem não deve ser entendida apenas como instrumento ou código, e o texto em questão é enfático quanto à necessidade de se trabalhar a literatura em sala de aula em seu aspecto lúdico, de experiência sensível, de experimentação onírica, de desejo, em suma. Se, com Antonio Candido, fala-se em direito à literatura, a literatura não seria a via de um direito ao pulsional sem inibição?

Nas resenhas, contamos com três contribuições: uma, ensejada pelo livro de Gabriel Tupinambá, *O desejo de psicanálise*, e escrita por João Gabriel Ribeiro Passos e Rodrigo Corrêa Martins Machado; outra sobre a segunda edição da obra *O que é escrita feminina*, de Lucia Castello Branco, de Carlos Rafael Pinto, e uma terceira, sobre *Das partes abertas*: ensaio sobre o gozo da matéria, obra de Jonas Samudio, resenhada por Patrícia Resende Pereira – estes dois últimos livros, ambos publicados pela Amitié Casa Editorial.

O que se entrevê desse dossiê é que a pulsão nem despreza a vida interior de cada artista nem corre apenas pelo texto, nos provocando a rever aquela divisão forçada entre vida e obra, revendo, por consequência, nossos mais arraigados modos de leitura e de crítica. O que Lacan diz sobre as pulsões serem, no corpo, o fato de que há um dizer, convoca novamente o corpo como questão para os estudos literários, não necessariamente em sua dimensão biológica, mas como organismo em que marcas são inscritas, desde o acontecimento da necessidade simbólica até o desejo, quando já não há mais objeto e giramos em torno do vazio. Nas diversas visadas oferecidas pelos pesquisadores aqui reunidos, a pulsão ou é nomeada pelos seus efeitos de desnaturalização da palavra ou implicitamente corrobora leituras em que a letra não está à serviço da cultura, da comunicação ou mesmo de um eu. Se o pulsional se deixa dizer, certamente o faz não no encontro com determinados objetos, mas nos retornos, giros, curtos-circuitos – seduzido pelo que vem do outro e pela falta. Talvez, algumas das marcas deixadas pela pulsão no texto, já possam ser, agora, provisoriamente, destacadas desse canto intraduzível e persistente: o endereçamento (a carta que inventa o seu leitor); o espaçamento (*Spur*, o trilhamento); o *punctum* e a mancha; a contingência (mais ainda do que o acaso); o umbigo do sonho; a melodia de *lalíngua*.

Mais, ainda, nos oferece o pesquisador e intelectual Raul Antelo, em uma entrevista na qual o narrar a memória das bibliotecas de sua infância e juventude em Buenos Aires se revela carregar a

história de imagens, dizendo, ao mesmo tempo, de restos e encontros contingentes, sobrevivência e diferimento, repetição e corte – ambivalência que compõe o seu pensamento arqui-filológico a perseguir o Real e a liberar o tempo de sua fatal irreversibilidade. Trata-se, aqui, de uma oportunidade sem igual para que percebamos em ato o eterno retorno da pulsão, força daimoníaca capaz de desconstruir todo edifício simbólico onde descansaria um sentido.

Agradecemos ao Raul, pela generosidade em partilhar conosco esses labirintos ex-cêntricos, e a todos os pesquisadores que, em nome de um ponto de vista destoante e desviante, reiteram a importância de se considerar o diferimento que a pulsão provoca em todo pensamento, persistentemente nos fazendo olhar as coisas pela alteridade, seu domínio originário. Por último, mas não menos fundamental, nosso agradecimento ao artista Bruno Rios, que nos cedeu a imagem de sua obra “Sem título”, da série “Alameda”, onde a letra, junto a outros traços e inscrições, parece dançar em sua condição remota da ex-sistência.

Desejamos a todos uma aventureira leitura!

Carolina Anglada (UFOP)

Derick Teixeira (UFMG)

Mariana, 5 de junho de 2025.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. Análise textual de um conto de Edgar Poe. In: _____. *A aventura semiológica*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 303-340.

BORISONIK, Hernán. *Persistência da pergunta pela arte*. Trad. Joaquín Correa, Natalia Pérez Torres. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2024.

LACAN, Jacques. *Encore*. Trad. Analucia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Trabalho original proferido em 1957-58).

SCHIAVON, João Perci. *Pragmatismo pulsional: clínica psicanalítica*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

ZALTZMAN, Nathalie. *A pulsão anarquista*. Trad. Anna Christina Ribeiro Aguiar. São Paulo: Editora Escuta, 1993. (Coleção Ensaios)